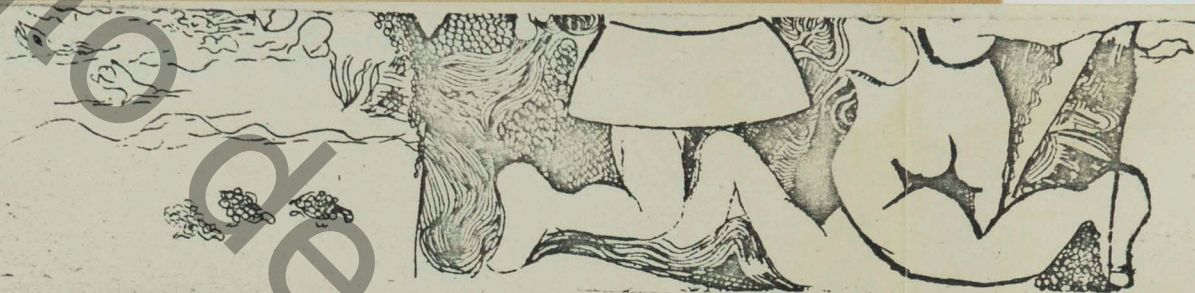


E. Dautro

Chize

Instituto de arte contemporânea



Dra. Nise — Encontro com a Grande Mãe (I)

Em setembro do ano passado escrevi sobre o livro de Dra. Nise para Cadernos Brasileiros (por sinal dei azar, a revista acabou) e um amigo meu, a quem mostrei o artigo antes de publicar, me disse que estava bom mas dava vontade de sair com uma bandeirinha gritando Viva Dra. Nise!!! Como esse não era o tom apropriado para uma resenha crítica do Junguinho — Jung Vida e Obra na intimidade — mesmo sem duvidar um instante das razões do meu entusiasmo consenti em atenuá-lo. En passant chamo atenção para a importância desse livro já em 2ª edição da José Alvaro. Garanto a vocês: se fosse escrito numa língua menos desconhecida que a nossa o Junguinho já estaria por aí traduzido e reconhecido como A Introdução ao estudo de Jung. Mas Jung é outro assunto. No momento o que interessa é poder escrever livremente sobre Dra. Nise, mesmo correndo o risco de desgostá-la com a minha empolgação.

Na vida da gente acontecem muitos encontros, mas muito poucos de importância fundamental. O encontro com Dra. Nise tem sido para mim desses que dividem a vida em antes e depois.

Embora meu fascínio por ela viesse desde os tempos de estudante na Faculdade de Direito do Recife, onde pela primeira vez cuvi falar de sua extraordinária inteligência e de sua vida dedicada à atenuação do sofrimento psíquico, só a conheci em 1968 quando vim morar no Rio por não ter podido voltar aos Estados Unidos e lá continuar o curso de psicologia iniciado dois anos antes na Universidade do Texas. Hoje bendigo as linhas tortas que me encaminharam para cá. Nenhuma Universidade do mundo me poderia ter dado o que aprendi com ela nesses três anos de convivência e de iniciação em suas frentes de luta: Engenho de Dentro, Casa das Palmeiras, Grupo de Estudos C.G. Jung.

Comecei por ir aos poucos me libertando do culto da "cultura" e adquirindo o gosto pela sabedoria. Daí passei a dar menos valor a masters e PH.Ds. e a desconfiar

ainda mais da ciência oficial. Descobri a lucidez da loucura, a urgência da busca do si-mesmo (self) (2), a necessidade da reaproximação de opostos muito afastados por 2.000 anos de cristianismo.

Me iniciei nos mistérios da criatividade e, no convívio dos pintores de Engenho de Dentro pude constatar sua força de instinto, conhecer o inconsciente coletivo (3) e reconhecer, em consequência, que as grandes criações não são privilégio nem patrimônio pessoal de ninguém. Todos temos recados a dar. Com a pintura dos "loucos" porém, aprendi a reverenciar e amar de maneira especial os artistas que se apuram e depuram para dar o recado inteiro. (Maria Carmem, Ivan Serpa, Ruben Valentim, penso em vocês.)

Me apercebi dos "estados do ser cada vez mais perigosos" (Artaud) e passei a ter pelo doente mental o respeito religioso que merece quem os vivencia. A pintura do doente não é divertimento, é sofrimento, registro pungente da travessia por esses estados.

E o Universo como uma mandala (4) dinâmica contendo em si todas as componentes da totalidade? A partir daí quanta reformulação. Abaladas nossas certezas já não sabemos quem está a serviço e quem está sendo servido. Não estaria a serviço o filho mentalmente retardado, com sua ternura, no mistério de sua existência lapidando arestas de racionalismo demasiado resistentes? Não será a sua guarda privilégio a procurar responder?

Mal começo a explorar espaços abertos por tantas visões novas e já outras começam a surgir pois o relacionamento com Dra. Nise favorece uma renovação semelhante a um processo de análise bem sucedido — fossas incluídas. Ela não se repete, não desperdiça palavras, embora converse sobre os assuntos mais corriqueiros e frequentemente partindo deles chegue a transcendências imprevisíveis sem pose nem austeridade, com aquela singeleza de nordestina ensinando receita de bôlo.

Juventude de espírito, avidez por conhecimentos a aplicar, compromisso com os fracassos e fé no poder criador do ser humano sem discriminação de espécie alguma são outros traços seus tão marcantes que terminam por contaminar quem está por perto. Dá chance às pessoas mais incríveis e o espantoso é que os resultados são em geral surpreendentes. Quem não desanima com as suas primeiras broncas ou com as asperezas do seu "temperamento alagoano" (definição genial de uma funcionária da STOR) logo se sente compensado pelo seu apoio de Grande Mãe.

A última de Dra. Nise: "Formar um grupo é muito mais difícil do que escrever vinte livros". Aconteceu comigo durante o Simpósio A Esquizofrenia em Imagem quando, improvisada em assessora de imprensa, resistia, por falta de convicção, em atender ao seu desejo de que fosse focalizado o grupo participante do simpósio e não a sua pessoa ou o seu trabalho em particular, um trabalho extraordinário (A Busca do Espaço Cotidiano por intermédio da Pintura) pelo qual sou completamente gamada. Já irritada com a minha teimosia, e depois de perguntar que ataque de burrice era aquele que tinha me dado explicou o que lhe parecia óbvio: "Não é por modéstia nem só para estimular o pessoal — o que é justo — que estou querendo chamar atenção para o grupo. Sempre desejei e lentamente consegui o que considero o mais importante de tudo isso: a formação espontânea de um grupo que estuda por paixão, sem nenhum interesse imediato. Diplomas, dinheiro, cargos... um interesse puramente cultural. Um grupo com unidade de pensamento foi a grande revelação desse simpósio: a mesma atitude face ao doente, à doença mental, o que um dizia entrava em conexão com que o outro tinha dito. Isso é o que se chama uma escola. É muito mais difícil formar um grupo do que escrever vinte livros".

(1) GRANDE MÃE — Expressão usada por Jung para designar a representação do arquétipo Mãe. "O arquétipo mãe, como to-

dos os outros arquétipos tem inúmeros aspectos (...) suas qualidades são por excelência, o "maternal", a autoridade mágica do feminino, a sabedoria, (...) tudo o que é salutar, protetor, (...) o que dá fertilidade, tudo que alimenta e traz crescimento, o lugar de transformação mágica e de renascimento, o instinto ou impulso benfazejo, aquilo que está oculto, secreto, que é sombrio, o abismo, a germinação do mundo subterrâneo, aquilo que devora, que seduz, que envenena, que infunde medo mas de que não se pode fugir" (C. G. Jung).

(2) SELF — Expressão usada por Jung (não confundir com ego) para designar o núcleo central da psique. Pode-se traduzir por si-mesmo. "A energia do ponto central manifesta-se na compulsão quase irresistível para levar o indivíduo a tornar-se aquilo que ele é, do mesmo modo que todo organismo é impulsionado a assumir a forma característica de sua natureza, sejam quais forem as circunstâncias" (C. G. Jung).

(3) INCONSCIENTE COLETIVO — Substrato psíquico comum a todos os homens. Corresponde às camadas mais profundas do inconsciente. Na qualidade de herança comum transcendendo todas as diferenças de cultura e de atividades conscientes. Segundo Jung a autêntica obra de arte é uma "produção impessoal", pois brota dessas camadas profundas do inconsciente, sendo o artista "um homem coletivo que exprime a alma inconsciente e ativa da humanidade".

(4) MANDALA — Palavra sânscrita, significa círculo, ou círculo mágico. Seu simbolismo inclui toda imagem concêntrica disposta, toda circunferência ou quadrado tendo um centro e todos os arranjos radiados ou esféricos. O centro da mandala representa o núcleo central da psique (self), núcleo que é fundamentalmente uma fonte de energia. A mandala é expressão por excelência da totalidade psíquica (do livro Jung Vida e Obra/Nise da Silveira/José Alvaro Editor).

Themira